



O Sporting estava sem treinador e Di Stéfano encontrava-se no desemprego, depois de levar o insuspeito Valência ao título de campeão espanhol em 1971. Em Benidorm, entre dois arranha-céus apenas e quilómetros e quilómetros de areia, Yazalde encontrou o compatriota Di Stéfano, por acaso. Falaram, falaram, falaram. &quot;Quando o vi pela primeira vez&quot;; conta Di Stéfano, &quot;

*felicitei-o pela Bota de Ouro [entregue anualmente ao melhor marcador de todos os campeonatos europeus]. Tinha marcado 46 golos com uma facilidade tremenda e isso era uma barbaridade! Depois, começámos a encontrar-nos mais de uma vez por dia. Às tantas, juntou-se, também por acaso, o presidente do Sporting, um homem simpático, educado e com muita conversa. De um dia para o outro, ele convidou-me para o Sporting e eu aceitei, pois estava sem clube.*

&quot;

Questionado sobre quando iria ganhar o grande mito, o presidente «leonino» lançou respostas evasivas, adiantando apenas que... «*mais ou menos o mesmo que recebia o Mário Lino e tanto como tinha pedido Mário Wilson*».

*In “www.ionline.pt” e “A Bola”*